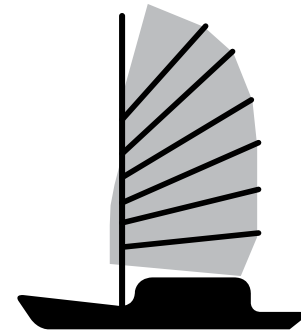


PESTE & CÓLERA

A VIDA PRIVADA DOS LIVROS
COLEÇÃO COORDENADA POR
ALBERTO MANGUEL

PESTE & CÓLERA

Patrick Deville



Tradução

José Mário Silva

Prefácio

Juan Gabriel Vásquez

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXXII

PREFÁCIO
O EXPLORADOR
DO INVISÍVEL

Juan Gabriel Vásquez

© 2022, Patrick Deville
e Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152, E. 10
1750-149 Lisboa
21 726 90 28 | info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

© Éditions du Seuil, 2012
Título original: *Peste & Choléra*

Título: *Peste & Cólera*
Autor: Patrick Deville
Prefácio: Juan Gabriel Vásquez
Coordenador da coleção: Alberto Manguel
Tradução: José Mário Silva
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Dezembro de 2022

ISBN 978-989-671-719-3
Depósito Legal n.º 506490/22

Pelo menos desde *Pura Vida*, em que apresenta a sua versão da extraordinária aventura do flibusteiro William Walker, Patrick Deville empreendeu uma busca obstinada de novas formas de contar vidas reais. No entanto, para um romancista — e eu acredito que Patrick Deville é precisamente isso, um romancista —, a ideia de *vida real*, entendida como a de alguém que pisou o nosso mundo e cuja existência reconhecemos, é menos importante, ou substancial, do que a de *vida contada*: porque nenhuma vida passada existe realmente se não a contarmos. Eis o enfoque de Deville nos seus últimos livros, publicados neste início de século: escrever as vidas que nunca foram escritas; ou que o foram, mas não como ele as gostaria de ter lido. A de Savorgnan de Brazza, em *Equatoria*; a da sua própria família, em *Taba-Tabá*. E pelo meio, a de Alexandre Yersin, esse jovem suíço que teve Louis Pasteur como mentor, que foi marinheiro e explorador, além de ter descoberto o bacilo da peste, e cujo rasto Deville seguiu através do mundo para o narrar neste romance belíssimo. Que é, sim, um romance, embora não invente nada.

Peste & Cólera é um romance porque não pode ser outra coisa, ou porque só o género romanesco admite uma criatura assim, capaz de assumir várias identidades ao mesmo tempo: começa por ser uma biografia, mas é também um relato de viagens (as de Yersin e as de Deville, que se lêem nas entrelinhas); e às vezes comporta-se como um ensaio, mas a sua linguagem é sempre a da ficção,

ou quase sempre. Em suma, estamos diante do livro que permitiu a Deville dizer o que queria dizer e como queria dizê-lo. Isto, à partida, parece ser o que fazem todos os livros. Só que há romancistas mais idiossincráticos do que outros, e Deville é-o em altíssimo grau: como os seus antecessores, *Peste & Cólera* é um romance caprichoso, permitindo-se anacronismos e especulações e conjecturas, ao mesmo tempo que vai conduzindo o leitor pela mão, com a sua pesquisa rigorosa e o seu gosto pelos documentos. Há muitos documentos aqui, porque Deville teve acesso aos arquivos do Instituto Pasteur, na rua Émile-Roux, em Paris, e também aos do Museu Yersin. Todos trazem novidades, todos fazem parte da enorme investigação que subjaz às linhas deste livro, mas eu quero recordar dois documentos em concreto. O primeiro é uma carta em que Yersin confessa à mãe a sua ambição: a de ser um novo Livingstone. O outro documento contém esta declaração de intenções: «*Ce n'est pas une vie que de ne pas bouger.*» Ou, na minha tradução livre: «A vida não é vida se não nos mexermos.»

A admiração que Yersin tinha por Livingstone, o explorador de todo um continente, é uma das formas mais felizes de ler este romance, porque isso, à sua maneira, foi também o que Yersin conseguiu: a exploração e a descoberta de todo um território. O mundo do que é minúsculo, do que o olho não pode ver sem ajuda, do que necessitou de um microscópio de grande precisão, fabricado por Carl Zeiss; esse mundo era de tal forma desconhecido que, como no começo de *Cem Anos de Solidão*, ali as coisas ainda careciam de designação, e foi preciso dar-lhes um nome: chamaram-lhes micróbios, e Deville conta-nos o momento exacto em que o neologismo passou a constar nos dicionários. Para levar a cabo esta exploração e estas descobertas, foi necessário que Yersin desse rédea solta à sua incapacidade de se manter no mesmo sítio; e Deville, o escritor contemporâneo com mais legitimidade para assinar a frase sobre a vida e o movimento, segue o seu protagonista para todos os luga-

res onde ele alguma vez foi: de Paris à cidade suíça de Morges, e dali para Saigão, e depois para Dalat. E enquanto o segue com um olhar fixo, também vai observando o resto do mundo. Isso é o que sempre me fascinou nos livros de Deville: o olhar abrangente que se ergue da página, mandando às malvas todas as coerências do ponto de vista, o que permite contar-nos uma vida, é certo, mas também o universo.

Assim, vemos o que Rimbaud ia fazendo enquanto Pasteur se tornava Pasteur. Assim, vemos o que Yersin descobria enquanto um tal de Joseph Conrad, subindo um rio no Congo, fazia as suas próprias descobertas. Deville deita mão a tudo, absolutamente a tudo o que lhe sirva para narrar a sua personagem, que nunca é contá-la só a ela, claro está, mas antes construir o seu mundo: o mundo inteiro em que vivia e se deslocava. Em Maio de 1940, depois de deixar pela última vez Paris — e o seu quarto no hotel Lutetia —, Yersin recebe pela rádio as notícias do que está a acontecer naquele momento: a bandeira com a cruz gamada agitando-se sobre o hotel. E, logo de seguida, Deville conta-nos a visita de Hitler à capital ocupada e o assassinato de Trotsky no México, dois meses mais tarde, às mãos de um agente de Estaline... Estaline, que era então aliado de Hitler, que por sua vez era aliado dos japoneses: os japoneses que, para desespero de Yersin, invadiram a terra em que finalmente resolvera assentar. Após esta veloz deambulação pela geografia, escreve Deville: «Começam a encaixar-se todas as peças de um *puzzle* de dimensão global.»

Eis o que é este livro extraordinário: o *puzzle* de uma vida e de uma época. Os seus temas são grandes e é grande o seu protagonista e são grandes os cenários em que decorre, mesmo quando se revelam microscópicos. Mas era preciso que surgisse um romancista como Patrick Deville, explorador e viajante, para contar esta história como ela merecia ser contada.

*Ab! Sim, tornar-me lendário,
No limiar dos séculos impostores!*
Jules Laforgue

ÚLTIMO VOO

A velha mão salpicada de manchas, com o polegar amputado, afasta uma cortina quase transparente. Depois de uma noite de insónia, o vermelhão da aurora, o glorioso címbalo. O quarto de hotel: brancura de neve e ouro pálido. Ao longe, a luz filtrada pela grande torre de ferro, atrás de um arremedo de bruma. Em baixo, as árvores muito verdes da praça Boucicaut. Na Primavera guerreira, a cidade está calma. Invasa pelos refugiados. Todos esses que pensavam que a sua vida consistia em permanecer no mesmo lugar. A velha mão larga a cremona e pega na mala. Seis andares mais abaixo, Yersin passa pela porta giratória em madeira envernizada e cobre amarelo. Um arrumador de farda ajuda-o a entrar para o táxi e fecha-lhe a porta. Yersin não foge. Ele nunca fugiu. Este voo, já o reservara meses antes numa agência de Saigão.

É um homem quase careca, barba grisalha e olhos azuis. Um casaco de *gentleman farmer* e umas calças de cor bege, camisa branca de colarinho aberto. Os vãos envidraçados do aeroporto de Bourget permitem contemplar a pista onde está parado, sobre as suas rodas, um hidroavião. Uma pequena baleia branca de ventre redondo, para 12 passageiros. A escada de acesso é encostada à carlinga, do lado esquerdo, porque os primeiros aviadores eram cavaleiros, como Yersin. Ele vai reencontrar os seus pequenos

cavalos anamitas*. Nos bancos da sala de espera, um punhado de fugitivos. Bem no fundo das respectivas bagagens, debaixo das camisas e dos vestidos de noite, maços de notas e lingotes. As tropas alemãs estão às portas de Paris. Estas pessoas, que tanto olham o relógio na parede como o que trazem no pulso, são suficientemente ricas para não terem de colaborar.

Uma motocicleta com *sidecar* da *Wehrmacht* seria suficiente para prender ao chão a pequena baleia branca. Já passa da hora. Yersin ignora as conversas preocupadas, enquanto anota uma frase ou duas num caderno. Vê as hélices começarem a girar por cima do *cockpit*, no ponto em que as asas se unem ao corpo do hidroavião. Atravessa a pista. Os fugitivos gostariam de o empurrar, de o obrigar a correr. Já estão todos sentados a bordo. Alguém o ajuda a subir a escada. É o último dia de Maio, 1940. O calor faz dançar sobre o asfalto a miragem de um charco. O avião vibra e acelera. Os fugitivos limpam o suor da testa. Este será o último voo da companhia Air France durante vários anos. Ainda ninguém o sabe.

Também é o último voo para Yersin. Ele nunca mais regressará a Paris, nunca mais voltará a entrar no seu quarto do sexto andar do hotel Lutetia. De certa maneira já suspeita que assim será, enquanto observa, lá em baixo, as colunas do êxodo na região de Beauce. Bicicletas e carroças transportando, ao monte, móveis e colchões. Camiões em marcha lenta, no meio das pessoas que caminham. Tudo isto fustigado pelas tempestades primaveris. Como hordas de insectos em pânico, fugindo dos cascos do rebanho. Os seus vizinhos no Lutetia deixaram todos o hotel. Joyce, o grande irlandês, pau de virar tripas e caixa-de-óculos, vestindo um fato de

* Relativo à região de Aname (An Nam, em vietnamita), uma colónia no centro do actual Vietname, que fez parte da Indochina Francesa desde 1887 até 1945. (N. do t.)

três peças, já está em Allier. Matisse alcançou Bordéus, seguindo depois para Saint-Jean-de-Luz. O aeroplano dirige-se para Marselha, entre as duas tenazes que apertam cada vez mais: fascismo e franquismo. Enquanto se ergue a norte, antes de picar, a cauda do escorpião. A peste castanha.

Yersin conhece-as, às duas línguas e às duas culturas, a alemã e a francesa, mais as suas antigas querelas. Também conhece a peste. Ela tem o seu nome. Há já 46 anos, contados a partir deste último dia de Maio de 1940, em que pela última vez sobrevoa a França através de um céu tempestuoso.

Yersinia pestis.

INSECTOS

O senhor de uma certa idade folheia o caderno, depois passa pelas brasas, envolto no zumbido. Há vários dias que não consegue dormir bem. Voluntários da Defesa invadiram o hotel, com as suas braçadeiras amarelas. À noite, os alarmes. Os cadeirões colocados no abrigo subterrâneo, ao fundo das caves onde se guardam as garrafas de vinho. Por detrás das suas pálpebras fechadas, o jogo do sol sobre o mar. O rosto de Fanny. A viagem de um jovem casal na Provença, até Marselha, para capturar insectos. Como escrever a história do filho sem contar a do pai. Pois então, esta foi breve. O filho não o chegou a conhecer.

Em Morges, no cantão suíço de Vaud, tanto em casa dos Yersin como nas dos vizinhos, mais do que na penúria vive-se numa estrita frugalidade. Ali, um tostão é um tostão. As saias puídas das mães passam para as empregadas. À custa de dar lições particulares, o pai conseguiu, em Genebra, seguir estudos de nível médio, tornando-se professor num colégio durante uns tempos. É um apaixonado por botânica e entomologia, mas o seu ganha-pão consiste em administrar paióis de pólvora. Veste o casaco negro e comprido dos sábios, mais a cartola, e sabe tudo sobre coleópteros, especializando-se em ortópteros e acrídios.

Sempre que pode, desenha gafanhotos e grilos, mata-os, observa ao microscópio os élitros e as antenas, envia comunica-

ções à Sociedade das Ciências Naturais do Vaud, e até à Sociedade Entomológica de França. Depois, eis que se torna intendente de uma empresa de explosivos, o que não é coisa pouca. Começa a estudar o sistema nervoso do grilo campestre e moderniza a fábrica de pólvora. A testa esmaga o último grilo. Um braço, na sua derradeira contracção, derruba os frascos. Alexandre Yersin morre aos 38 anos. Um escaravelho verde atravessa a sua face. Um gafanhoto esconde-se nos seus cabelos. Uma dorífora entra pela sua boca aberta. A jovem esposa, Fanny, está grávida. A viúva do patrão terá de abandonar a fábrica de pólvora. Após o elogio fúnebre, no meio de pilhas de roupa suja e loiça por lavar, nasce uma criança. Recebe o nome próprio do marido morto.

Na margem do Lago de águas puras e frias, a mãe adquire, em Morges, a Casa das Figueiras, que transforma em residência para raparigas. Fanny é elegante e tem boas maneiras. Ensina às jovens a lida da casa e os segredos da cozinha, um pouco de pintura e de música. O filho conservará até ao fim da vida um desprezo por estas actividades, confundindo a arte com os labores. Todos esses disparates de pintura e literatura evocam, para ele, a futilidade daquelas a quem chamará, na sua correspondência, as avenesmas.

A alternativa é ter ideias de homem selvagem: colocar armadilhas, desenterrar coisas, acender um fogo com uma lupa, voltar do campo coberto de lama, como se de regresso da guerra ou de uma expedição no interior da selva. O rapaz está sozinho e anda pelos campos, nada no Lago ou constrói papagaios de papel. Captura insectos, desenha-os, trespassa-os com uma agulha e fixa-os em folhas de cartolina. O rito sacrificial ressuscita os mortos. Do pai — como numa linhagem guerreira acontece com a lança e o escudo —, ele herda verdadeiros emblemas, saídos do malão guardado no sótão: o microscópio e o bisturi. Eis um segundo Alexandre Yersin e um segundo entomologista. As colecções do morto estão

expostas no museu de Genebra. Talvez este seja um objectivo de vida para o filho: consumir os seus dias em estudos austeros, enquanto aguarda, por sua vez, a explosão de um vaso sanguíneo no cérebro.

De geração em geração, se excluirmos a tortura de insectos, as distrações no Vaud são escassas. A simples ideia de distração é suspeita. Por estas bandas, a vida consiste em expiar o pecado de existir. A família Yersin fá-lo à sombra da Igreja Evangélica Livre, saída de um cisma em Lausana, no seio do protestantismo vaudense. Esta corrente recusa que o Estado pague aos seus pastores e cuide dos seus templos. Obstinaos e inflexíveis, os fiéis fazem o que for necessário para prover às necessidades dos pregadores. Mas manter um padre, mesmo que o seu apetite seja moderado, é outra história. O pastor, para satisfazer a vontade de Deus — cresci e multiplicai-vos —, tem tendência a reproduzir-se a uma velocidade vertiginosa. São famílias imensas no fundo do ninho, de bicos abertos, escancarados, pelo que as saias puídas das mães já não vão para as empregadas. Os fiéis ostentam o seu elitismo e a sua probidade. Consideram-se os mais puros e os que mais se afastam da vida material, os verdadeiros aristocratas da fé.

Desta frieza altiva, transmitida nos domingos de um azul gélido, dir-se-á que o rapazinho conservará a franqueza abrupta e o desprezo pelos bens deste mundo. O bom aluno entediado transforma-se no adolescente que gosta de estudar. Os únicos homens admitidos na Casa das Figueiras, autorizados a entrar no pequeno salão florido, são médicos amigos da mãe. Impõem-lhe então a escolha entre a França e a Alemanha; ou seja, entre dois modelos universitários quase opostos. A leste do Reno, o curso expositivo e teórico, a ciência proferida do alto da cátedra, por sábios de fato escuro, com colarinho de celulóide. Em Paris, o ensino clínico à cabeceira do doente e de bata branca, o modelo dito patronal, inventado por Laennec.

Acabará por escolher Marburgo, influenciado pela progenitora e pelos amigos dela. Yersin preferia Berlim, mas em vez disso terá de se contentar com uma cidade de província. Fanny aluga-lhe um quarto em casa de um professor universitário ilustre, uma sumidade que depois de pontificar nas aulas ainda participa nos serviços religiosos. Yersin só aquiesce para conseguir afastar-se das saias da mãe. Pôr-se a andar. Os seus sonhos, no fundo, são os de uma criança. Assim começa uma correspondência com Fanny que só se concluirá com a morte desta. «Quando eu for médico, levo-te comigo e vamos instalar-nos em França, no Midi, ou em Itália, pode ser?»

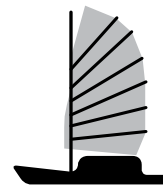
O francês torna-se uma língua secreta, maternal, um tesouro, a língua do fim da tarde, a língua das cartas dirigidas a Fanny.

Ele tem 20 anos e a sua vida quotidiana, dali em diante, pronuncia-se totalmente em alemão.

ÍNDICE

Prefácio. O explorador do invisível <i>Juan Gabriel Vásquez</i>	5
Último voo	11
Insectos	14
Em Berlim	18
Em Paris	23
O enfeitado	30
Na Normandia	34
Uma grande torre de ferro no centro do mundo	38
Um médico de bordo	43
Em Marselha	45
No mar alto	49
Vidas paralelas	55
Albert & Alexandre	60
Em pleno voo	64
Em Haiphong	68
Um médico dos pobres	72
A longa marcha	77
Em Phnom Penh	80
Um novo Livingstone	85
Em Dalat	89
Arthur & Alexandre	93

A caminho da terra dos sedangs	96
Em Hong Kong	106
Em Nha Trang	114
Em Madagáscar	118
A vacina	121
Em Cantão	125
Em Bombaim	130
A verdadeira vida	138
Em Hanói	144
A controvérsia dos frangos	150
Uma arca	154
Um posto avançado do progresso	157
O rei da borracha	162
Para a posteridade	169
Frutos & legumes	175
Em Vaugirard	181
Máquinas & ferramentas	186
O rei da quinina	191
Alexandre & Louis	196
Quase um DWEM	200
Debaixo da varanda	205
O fantasma do futuro	209
O pequeno grupo	214
O mar	219
Agradecimentos	225
Nota biográfica	227



PESTE & CÓLERA

FOI COMPOSTO EM CARACTERES HOEFLER
TEXT E OLD STANDARD E IMPRESSO
EM PAPEL HOLMEN DE 80G PELA
EIGAL, INDÚSTRIA GRÁFICA,
NO MÊS DE OUTUBRO
DE 2022.

